

**IMPrensa E FOTOGRAFIA:
IMAGENS DE POBREZA NO CEARÁ
ENTRE FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX***

*Marta Emisia Jacinto Barbosa***

*O Ceará há de ser, como tem sido sempre, o mendigo a quem
se dá esmola pelo prazer de ultrajá-lo na sua miséria.*
Antonio Bezerra¹

Essas observações de Bezerra foram, primeiramente, publicadas no jornal *Constituição* nos anos 1884 e 1885 e, depois, no livro *Notas de viagem*, em que reúne diferentes dados relativos à natureza, aos lugares pelos quais passa, observando, como ele próprio afirma, “a ingenuidade dos costumes do sertão”. Ao acompanhar os relatos do autor, que viaja em comissão pelo interior do Ceará, fiquei a pensar na importância da relação entre o registro escrito de seu olhar para o sertão visto e a correspondente circulação em jornal.

O olhar de Bezerra não segue apenas uma descrição mecânica da fauna e flora das áreas visitadas, mas parece revelar um senso de observação que procura se inteirar sobre a relação dos homens com a natureza, desvendando costumes, modos de viver do interior, procurando ser “o mais fiel possível, narrando os fatos”. As narrativas desse autor não se fazem importantes apenas pelo seu conteúdo, mas pelos canais de divulgação que deram visibilidade a certas dimensões do sertão do Ceará. Interessava escrever sobre o sertão visto e importa, hoje, perguntar sobre os significados atribuídos a tais narrativas que ganharam força e articulação nos meios impressos.

Ao apresentar o problema das epidemias e da fome em Fortaleza e no interior, Barão de Studart, em seu livro *Climatologia, epidemias e endemias no Ceará*, menciona uma *Memória*, deixada pelo vereador Esteves de Almeida, que afirma: “se comião bixos e taes que nunca fora mantimento humano, como seja corvos, carcarás, cobras, ratos, couros de boi, raízes de ervas, como fossem o chique-chique, mandacarus, mandioca brava, e etc.”. Essa *Memória* que narra sobre homens que comem ratos, apropriada por Studart, aponta

uma outra dimensão do olhar para o sertão e seus sujeitos, revela o horror da seca, da fome, ao mesmo tempo em que constrói referências para lembrar, não aquele acontecimento específico, mas o que será constituído como uma memória do flagelo, que é retomada, reformulada pelos autores e jornalistas.²

A recorrência de relatos sobre os períodos de seca aponta para um universo de problemas que afetam os lugares: doenças, morte, miséria, fome. Livros e artigos escrevem a história da seca, jornais publicam pequenas notícias, reportagens sobre o assunto, e a temática da seca continua a agregar uma gama variada de experiências de miséria que dá sustentação a uma certa visibilidade nos meios de comunicação. No entanto, é preciso compreender como essas realidades foram apropriadas, cristalizadas e delas foi produzida uma memória sobre as paisagens, hábitos alimentares, formas dos corpos, costumes, que, referenciada nos períodos de escassez de alimentos e água, definiu o lugar do atraso, daqueles que vivem dos restos.³

Joaquim Alves e Tomaz Pompeu Sobrinho, em seus livros *História das secas*, percorrendo em seus estudos, respectivamente, os séculos XVII a XIX e o século XX, fazem uma exposição de fatos sobre a seca no Ceará, situações vividas pela população e, ao entrecruzar informações e dados de outros pontos, escrevem uma história da seca. Rodolpho Theophilo também escreve, em sua *História da seca do Ceará (1877 a 1880)*, um estudo sobre a província do Ceará que aborda pontos como geografia, clima, indústria, comércio, população, instrução pública, e, por fim, mostra um acompanhamento dos anos de seca.⁴

Esses trabalhos sugerem ao pesquisador um interessante campo de informação, constituem referência importante para aqueles que se dedicam a temáticas em torno do Ceará e da seca, pelo seu caráter descritivo, pela reunião de dados e documentos que impulsionam trabalhar novos indícios.

A idéia da inferioridade da população, das diferentes características dos tipos humanos, de habitantes que comem calango, raízes, restos, enfim, homens e mulheres de hábitos “exóticos”, atravessa sub-repticiamente muitos estudos sobre o Nordeste e o Ceará e ainda hoje informa quem são os habitantes do Nordeste seco. Essas e outras idéias estão presentes em diferentes narrativas sobre o tema, e sua força se expressa não só na documentação como, em alguns momentos, na historiografia, seja pela ausência de problematizações, seja pelo uso corriqueiro das informações para tornar mais justificados os estudos sobre a seca.

Foi ponderando sobre os usos da documentação na pesquisa histórica e o significado político de certos usos que enveredei, num primeiro momento, pela história da seca como uma estratégia, um pretexto para articular essa insistente temática a uma outra ordem de indícios e documentos, na tentativa de apontar para um campo de investigação que sinaliza para experiências de narrativas visuais e escritas sobre o Ceará do final do século XIX.

Em 10 de maio de 1878, o jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, noticia o embarque de José do Patrocínio para o Ceará, no vapor Nacional Pará. O objetivo do jornalista na viagem, além de escrever um livro, era enviar notícias “exactas e minuciosas” para os leitores dessa folha. Mesmo noticiando a viagem ao Ceará, o trajeto de Patrocínio seguiria por entre algumas províncias do então norte do Brasil. Suas anotações chegam à redação do *Gazeta de Notícias* e ganham corpo nas páginas com o título “Viagem ao Norte”, na sessão “Folhetim”, além de provocar comentários em outras folhas.⁵

O universo de noticiários que abrangia o tema da seca não se restringia às reportagens de Patrocínio. O serviço de telégrafos, nesse momento, desempenhou atividade fundamental nas folhas diárias. Sempre ao longo do ano de 1878, e no de 1879, a primeira página era composta por telegramas enviados por correspondentes nas províncias e leitores que escreviam à redação. Se considerarmos a rede de informação que os telegramas produziam em torno do tema, veremos que grande parte deles noticiava as “calamidades do Norte”, mais especificamente – e ao longo dos anos vai ficando mais claro – o “flagelo do Ceará”.

No dia 1 de junho de 1878, o jornal *Gazeta de Notícias* publica, na primeira página, sessão “Folhetim”, “Viagem ao Norte. Da Corte a Maceió”, referente à data de 16 de maio de 1878, em que Patrocínio faz descrição da chegada à capital das Alagoas e escreve impressões sobre a Bahia, onde, segundo seu texto, “quase viu na sua verdade o que é um retirante”.⁶

Sobre o impacto dessas questões, penso que a viagem de Patrocínio ao norte e seu material de reportagem sobre o Ceará sinalizam para um tipo de visibilidade dado, sobretudo, aos homens, mulheres e crianças que, nas linhas do jornalista, configuram-se em “filhas do sertão”, moças que se transformam em “repelentes caricaturas”, em meio “...a maioria dos retirantes ainda semi-selvagem...”.⁷

É sobre esses “semi-selvagens” que Patrocínio escreve durante todo o ano de 1878 para o *Gazeta de Notícias* e também para a revista *O Besouro*, com informações sobre a seca no Ceará. Além de escrever, o jornalista envia para a redação dessa revista duas das fotografias produzidas naquele mesmo ano por J. A. Corrêa, das quais Rafael Bordalo, caricaturista, faz “um perfeito desenho”, como avaliou Patrocínio, publicado na primeira página com a chamada “Paginas Tristes. Scenas e aspectos do Ceará. Para sua Magestade e o Sr. Governo e os Srs. Fornecedores verem”.⁸

São crianças vistas por um ângulo frontal, e seus corpos nus, em evidência, expõem não só a magreza e o delineamento dos ossos, mas uma fisionomia da miséria. O desenho de Bordalo é apresentado por um braço de uma caveira, vestida num fraque, que segura e mostra aos leitores o “estado da população retirante”. As legendas que acompanham as fotografias desaparecem na reprodução e todo o foco da atenção se fixa sobre as imagens.⁹

O fotógrafo responsável por aquelas imagens, Joaquim Antonio Corrêa, possuiu, entre 1877-1887, um atelier na rua Formosa, em Fortaleza.¹⁰ Publicava em alguns jornais locais anúncios de seus serviços, que compreendiam cartões de visita, quadros e imagens de celebridades. Quando Patrocínio chega a Fortaleza, Corrêa prestou serviços a sua missão de reportagem, produzindo as fotografias.

J. A. Corrêa fotografou homens, mulheres e crianças, definidos nesse período como “flagelados” da seca, e reforçados ainda hoje, sempre que necessário. As imagens sugerem uma série, na seqüência de poses e ângulos dos corpos em foco tomados de frente, de costas, de perfil ou caídos ao chão. O conjunto de quatorze poses tem legendas na parte inferior do cartão; nas laterais, segue um conjunto de diferentes versos para cada fotografado, com os quais o fotógrafo parece querer reforçar a dramaticidade do registro. Tal conjunto implica, talvez, indicar não apenas uma ordem do olhar de Corrêa sobre os corpos desnutridos e quase mortos, mas o olhar do jornalista Patrocínio na construção de sua reportagem.

No percurso da leitura do jornal *Gazeta de Notícias* é possível acompanhar a prática de difusão de notícias de jornais de outras províncias. Essa experiência aparentemente banal de trocar informações indica pensar no trabalho de sobreposição de notícias entre jornais em tempos distintos, mas que renova o tema e amplia seu universo de circulação e divulgação.¹¹

Além de Patrocínio, dois outros jornalistas escrevem sobre a seca de 1877-79 no Ceará, direta ou indiretamente: o *New-York Herald* envia um correspondente para “estudar... o theatro de tantos horrores”, como afirma Barão de Studart; e o jornalista inglês Herbert Smith vem ao Brasil e escreve, entre outros trabalhos, “*Brazil: the Amazons and Coast*”, com data de 1879.¹² O exercício de perseguir a disseminação das notícias da seca de 1877-79 tem ajudado a experimentar, na pesquisa, a capacidade da imprensa para construir uma rede que faz circular ações, valores e projetos, por meio de suas narrativas escritas e visuais.

Ao longo de junho de 1879, o *Gazeta de Notícias* publica, na sessão “Folhetim”, *Os retirantes*, novo livro de José do Patrocínio. Segundo comentário do jornal, o autor “que viu de perto os efeitos de tão grande calamidade preocupou-se sobretudo em fazer um livro verdadeiro”.¹³ Divulgado e acompanhado pelos leitores, carregava o peso da verdade sobre o Ceará e sobre os cearenses. Araripe Júnior, anos depois, comenta o romance: “[Via, em Patrocínio, não] o romancista, mas o fotógrafo, que comissionara à terra que ele mesmo chamou Terra da Luz”.¹⁴

A idéia de Patrocínio “fotógrafo” que registra uma outra terra é muito interessante para discutir esse momento de sua vida, sua condição na luta abolicionista, sua crescente

inserção na imprensa, construindo uma visibilidade para questões de teor impactante. As fotografias de Corrêa e os escritos de Patrocínio sobre o tema, publicados no Rio de Janeiro, indicam para uma trajetória de produção dessa visibilidade.

Essa série de fotografias tem suscitado a necessidade de discutir o trabalho específico com a linguagem visual, pontilhando a atenção tanto para as técnicas utilizadas, quanto para o conteúdo. Isso implica apreender seus significados, indagar sobre o lugar social em que tais escritos e imagens foram produzidos, descobrir justificativas para que certas realidades tenham sido representadas de uma maneira e não de outra, perguntar ainda sobre os seus autores, descobrir os objetivos que inspiram e os procedimentos utilizados, e atentar, sobretudo, para as operações construídas por tais linguagens.¹⁵ Nessa medida, traçar um mapeamento da história da fotografia, que registra a miséria, o estranho, o exótico, o horror, implica também desenhar o percurso das descrições das paisagens, do homem, seus modos de vida, articulando um entrecruzamento entre linguagem visual e escrita.

A relação entre produção de imagens definidas como de pobreza e sua publicidade é objeto de minhas indagações sobre intenções e manipulações, tanto da produção fotográfica quanto da sua publicação. Interrogar, como sugere Rafael Samuel, “por que uma foto é, em termos contemporâneos, atraente” ou ainda por que a imprensa transformou certos temas em atraentes.

No trabalho *Imagens da seca de 1877-78 no Ceará: uma contribuição para o conhecimento do fotojornalismo na imprensa brasileira*, os autores sublinham a importância desse material de Corrêa como pioneiro no uso da fotografia como documento pela imprensa e ainda ressaltam seus sinais de uma experiência precursora do fotojornalismo no Brasil.¹⁶ As questões levantadas por Andrade e Logatto sugerem a reflexão em torno dos significados dessa nova experiência na constituição da imprensa.

Considerando, portanto, como eixo importante da pesquisa a constituição da experiência fotojornalística na imprensa, tenho problematizado como se articularam imagens de pobreza e pobres na imprensa no final do século XIX e no início do século XX. Fotografia e texto escrito construíram e tornaram possível a visibilidade de sujeitos e experiências de pobreza. Isso nos sugere interrogar sobre os fazedores dessa imprensa que construíram essa visibilidade a partir dela e por meio dela.

Articulando o trabalho com fotografias sobre o Ceará e os jornais, paulatinamente é possível perceber a construção de uma memória sobre os locais ou a região, impregnada de pré-conceitos e definições antecipadas sobre o que é o lugar e quem são seus habitantes, o sertão, o sertanejo.¹⁷ Seria, portanto, necessário perguntar sobre que tipo de imagens foram produzidas e divulgadas, que pontos de vista montaram, relatando o Ceará e o Nordeste.

As imagens, a seca, o Nordeste parecem compor, ainda hoje, um universo de questões-problemas a serem enfrentadas. Um Nordeste sempre associado à seca, miséria, atraso, desnutrição, deformidades, flagelos, flagelados, retirantes, e uma lista de definições sem fim, aparece sempre como um campo fértil de notícias, matérias longas, estudos científicos.

As discussões de Gisèle Freund sobre fotografia têm ajudado a pensar na história da fotografia, para além de uma história da técnica, como uma história social e política. Pensar como e por que aquela sociedade produziu tais registros e considerar que o ato de produzir imagens fotográficas compõe o movimento de constituição das sociedades: para dizer que experiências históricas mudaram a forma de perceber e expressar o mundo e que técnicas, pensamentos, conhecimentos, materializaram-se de maneiras diferentes, ampliando o horizonte de práticas sociais que de alguma maneira transformam esse mesmo mundo. E isso penso ser extensivo à imprensa.¹⁸

Parece existir uma espécie de neutralização dos tempos históricos das fotografias e uma insistente reescritura dos textos entre as páginas de jornais e revistas, quando obedece a repetidos movimentos de olhar que foram construídos historicamente sobre o Nordeste, e que indicam a existência de um sofisticado meio de produzir uma memória para um lugar, para grupos, para uma população. Sob esse aspecto, pode ser elucidativo perguntar sobre narrativas fotográficas e escritas que são feitas e refeitas, ao longo do tempo, sobre o tema da seca, e que podem estar para além dele.

A revista *Isto É* publicou, em maio de 1998, a reportagem “Nas mãos de Deus... há 120 anos”, em que afirmava nada ter mudado na seca do Nordeste desde que José do Patrocínio “chocou o Império com seus relatos sobre a fome”, no final do século XIX.¹⁹ Quando li o referido texto, fiquei a perguntar: o que deveria ter mudado com José do Patrocínio? O que a revista queria recuperar com essa reportagem? Por que, enfim, insistir no tipo de fotografia publicada há 120 anos?

A reportagem abre com uma fotografia de 1998, em que uma família posa diante da casa de taipa onde cabem filhos, cachorro, paisagem seca; e, mais adiante, traz uma imagem de 1878 em que, num ângulo frontal, posam um adulto de cócoras e uma criança em pé ao seu lado. Posteriormente, seguem outras três fotografias de 1878 e mais três fotos de cearenses, já em 1998, apresentados em suas paisagens de escassez.

Depois de 1878, muitas notícias relativas ao Ceará reaparecem apenas quando anunciando mais anos de estiagem. Em 1915, no jornal *Gazeta de Notícias*, imagens e textos parecem repetir os elementos utilizados anos antes: “o Ceará flagelado”, “o Ceará faminto”, “o despovoamento do nordeste brasileiro”, “os fugitivos do sahará brasileiro”.

A narrativa de 1998 persegue o tempo inteiro a narrativa de 1878, a ponto de afirmar que o “Ceará parece ter entrado no túnel do tempo” e que estaria cada vez mais parecido com a descrição de Patrocínio, na qual dizia que “A tragédia da vergonha nacional, representada no Ceará, tem por cenário todo vasto território da desventurada província”.

A estratégia da reportagem, de avançar no passado e recuperar elementos para construir uma narrativa semelhante no presente, tornou preciso organizar a trajetória das fotografias da seca 1878 e pensar esse momento como tendo despontado na imprensa com tamanha intensidade que ainda hoje é retomado.

A relação entre recorrência e recordação em textos e imagens mostra um esforço em compreender como se opera a experiência da fotografia entrando na imprensa; como e por que se produz uma retomada nos textos e nas imagens, que explora sempre elementos semelhantes na composição e constrói impacto a cada nova publicação.²⁰

Desse modo, discutir a relação entre imprensa e fotografia tem sido um procedimento da pesquisa para ponderar sobre um universo de realidades selecionadas e registradas para uso e difusão nos meios impressos. A miséria, a fome, a quase nudez das pessoas, a paisagem seca a se confundir com a magreza dos corpos configuram uma preocupação em destacar fisionomias e tipos pitorescos aos olhos do outro, uma exposição, enfim, da gente do sertão como o mundo perdido no atraso, na estranheza dos hábitos, das formas de viver.²¹

O fato de uma imagem poder ter mais força, carregar consigo a narrativa mais imediata e aproximada do leitor e ser portadora, ao mesmo tempo, da verdade irrefutável dos fatos impõe à pesquisa indagações sobre a construção histórica desse tipo de fotografia, suas escolhas e critérios, sobre a natureza da imagem de jornal, e também sobre “a materialidade e permanência desta imagem”, como sugere Brissac Peixoto.²²

O trabalho tem suscitado questões relativas a técnicas e conteúdos. Sugere-se indagar os significados dessas linguagens e práticas, o lugar social da sua produção, descobrir justificativas para que certas realidades tenham sido representadas de uma maneira e não de outra, perseguir seus autores, atentar para as operações construídas por tais linguagens e, sobretudo, pensar a imprensa e a fotografia como práticas sociais que engendram ações, projetos, sentimentos que intervêm na constituição dos lugares.

Em conjunto com os elementos que compõem as narrativas, importa perceber se existe um movimento de perenidade no uso das fotografias e dos textos; elementos que, mesmo estando associados à seca, conquistaram espaço para além dela. Ainda que as imagens de pobreza não sejam sempre de seca, as imagens de seca têm sido frequentemente utilizadas como referência de pobreza. Perguntar sobre os significados dessas imagens e desses textos tem implicado pensar sobre a constituição de uma memória da seca. Perceber como

e por que essa memória foi sendo construída tem sido um artifício necessário para compreender as articulações entre seca e pobreza e, ainda, quais os componentes de sustentação dessa memória. Nesse sentido, pode-se pensar que os jornais e as fotografias em suas narrativas conjuntas constituíram uma rede de produção e divulgação dessa memória.

Notas

* Este texto é resultado das discussões realizadas em torno do projeto de pesquisa intitulado *Entre histórias e fotografias. Um Ceará no final do século XIX e início do XX*, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Heloisa de Faria Cruz.

** Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em História (PUC-SP), com bolsa CNPq.

¹ Bezerra, A. *Notas de viagem*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1935. Sua primeira edição data do ano de 1899, publicada pela Tip. Econômica, com o título *Província do Ceará – Notas de viagem (parte Norte)*. Uma segunda edição só saiu em 1915. Raimundo Girão, em 1965, apresenta o autor como jornalista que nunca parou “fundou jornais, manteve jornais e cooperou na vida de jornais, intensivamente”.

² Studart, G. (Barão de). *Climatologia, epidemias e endemias no Ceará*. Ed. Fac-sim. Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Esse trabalho de Barão de Studart foi apresentado ao 4º Congresso Médico Latino-Americano, no Rio de Janeiro, em 1908.

³ Albuquerque, D. M. de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino de problema a solução (1877-1922)*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, História, 1987. Ver também do mesmo autor: *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife/São Paulo, FJN, Ed. Massangana/Cortez, 1999. No primeiro trabalho, o autor faz uma discussão importante sobre esse período, adverte para a questão de a seca ter sido transformada em “problema”, quando então exigia solução nacional. A problematização desse contexto histórico implicou descortinar a produção e predominância de um “discurso da seca”. No livro *A invenção do Nordeste*, procura discutir, por meio da análise de diferentes discursos e linguagens, a construção de um Nordeste em que se define uma identidade única para a região e seus habitantes. Ver também Villa, M. A. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo, Ática, 2000.

⁴ Ver Girão, R. *Evolução histórica cearense*. Fortaleza, BNB/Etene, 1985. Apresenta as repetidas análises climáticas dos estudiosos do período, as grandes secas como “calamidade pública” e, por fim, o problema do êxodo rural. Dentro dessas três questões, o historiador reforça o olhar trágico e descritivo para os acontecimentos. Ver Theophilo, R. *História da seca do Ceará (1877 a 1880)*. Rio, Imprensa Inglesa, 1922; Alves, J. *História das secas (séculos XVII a XIX)*. 2. ed. Mossoró, Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte/Fundação Guimarães Duque/Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 1982 (Coleção Mossoroense, v. CCXXV); Pompeu Sobrinho, T. *História das secas (século XX)*. 2. ed. Mossoró, Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte/Fundação Guimarães Duque/Escola Superior de Agricultura de Mossoró, 1982 (Coleção Mossoroense, v. CCXXVI).

⁵ Nelson Werneck Sodré refere-se ao jornal *Gazeta de Notícias* como o acontecimento jornalístico de 1874. Tem como fundador Ferreira de Araújo e apresenta-se como “Jornal barato, popular, liberal, vendido a 40 réis”. No final do século XIX, é possível perceber a disputa com o *Jornal do Commercio*, quando já consegue garantir o status de segunda folha mais importante do Rio de Janeiro. Ver Sodré, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

⁶ Essas notícias de Patrocínio foram enviadas do Recife, com data de 24 de maio de 1878.

⁷ Em artigo no jornal *A Notícia*, de 4 de abril de 1904, com pseudônimo de Justino Monteiro, Patrocínio recorda sua ida ao Ceará dizendo: “A esperada legião de Hércules era uma andrajosa multidão de famintos; a cidade, um vasto cemitério por onde passavam esqueletos barrigudos”. Mais adiante diz que suas descrições publicadas na época no *Gazeta de Notícias* estavam aquém da realidade e que “durante longos anos não pude ouvir falar em seca no Norte sem comover-me. Felizmente passou. O tempo é um sedativo.” Ver Magalhães Júnior, R. *A vida turbulenta de José do Patrocínio*. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro, Lisa/INL, 1972.

⁸ *O Besouro*. Revista ilustrada, humorística e satírica. Rio de Janeiro, Tipografia de G. Lenzinger e Filhos, 1878-1879. Entre os redatores e colaboradores, está José do Patrocínio.

⁹ Legendas que acompanham as fotografias e desaparecem no desenho de Bordalo: (1) “Foi o céu *inexorável*! Contra a mim, contra a meus *paes*! Deixou-me na *orphandade*! Entregue a dores e ais!”; (2) “Deixei por *amôr* a vida! Me roubaram o pudor! E hoje, mulher perdida! Morro de fome e de horror!”. As legendas são expressivas do percurso de produção das fotografias. São compostas de pequenos versos nas laterais, escritos na primeira pessoa do singular como se os fotografados falassem com seus observadores.

¹⁰ Sobre as informações relativas a Joaquim Antonio Corrêa, ver Kossoy, B. *Dicionário Histórico de Fotógrafos e do Ofício Fotográfico no Brasil (1840-1910)*. Tese de livre-docência. São Paulo, Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2000. Essas imagens podem ser encontradas na Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional.

¹¹ Entre as narrativas dramáticas da fome e do horror de 1877, observa-se, com certa frequência, a propaganda da associação “Colonização e emigração – mutuação *philantropica* e protetora”. Segundo o jornal, essa associação foi autorizada por decreto do governo imperial n. 6320 de setembro de 1876. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1877, p. 2.

¹² Barão de Studart destaca pedido feito a sua pessoa pelo governo inglês, para que providenciasse um relatório sobre a “peste negra” no Ceará. Ver Studart, G. (Barão de). *Climatologia, epidemias e endemias do Ceará*. Fortaleza, Fundação Waldemar Alcântara, 1997. Fac-símile da edição publicada em 1909.

¹³ O livro está organizado em três partes: “A paróquia abandonada”, “Os retirantes” e “A capital”. Patrocínio, J. do. *Os retirantes*. São Paulo, Editora Três, 1973, 2 vols. (Obras imortais da nossa Literatura).

¹⁴ Magalhães Júnior, op. cit.

¹⁵ Vieira, M. do P. de A. et al. *A pesquisa em história*. São Paulo, Ática, 1989.

¹⁶ Andrade, J. M. e Logatto, R. Imagens da seca de 1877-78 no Ceará. Uma contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, v. 114, 1994.

¹⁷ Ver Barbosa, I. C. *Sertão: um lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XIX*. Rio de Janeiro/Fortaleza, Relume Dumará/Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

¹⁸ Freund, G. *Photographie et société*. Paris, Éditions du Sueil, 1974.

¹⁹ Reportagem “Nas mãos de Deus... há 120 anos”, de Luiza Villaméa e André Dusek (fotos), publicada pela revista *Isto É*, em 13 de maio de 1998.

²⁰ As discussões realizadas no seminário temático História e Imprensa, ministrado pela professora Heloisa de Faria Cruz, têm ampliado meus horizontes para pensar essas questões. Outra contribuição importante para as minhas reflexões têm sido as discussões feitas no grupo de estudo sobre cultura popular, coordenado pela professora Yara Khoury.

²¹ Ver: Cruz, H. de F. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo, Educ/Fapesp/Arquivo dos Estado de São Paulo/Imprensa Oficial, 2000. Esse trabalho tem me ajudado a pensar os diferentes percursos da prática da imprensa. Questões relativas à produção, difusão, divulgação do universo de notícias têm sido suscitadas por esse diálogo como ponto fundamental da pesquisa.

²² Peixoto, N. B. *Bienal fotojornalismo brasileiro – 1990-1995*. s. l., p. 12, de junho a 9 de julho de 1995.